



“FAHRENHEIT 451” – LABIRINTO SOCIAL

Lizete Maria Pergher Dala Costa¹

RESUMO: Fahrenheit 451, livro e filme, contam a história de um “bombeiro”, cuja função não para apagar o fogo, mas para queimar livros de bibliotecas clandestinas, em uma sociedade no futuro, onde o governo proibiu toda e qualquer leitura, à maneira dos nazistas. Todos os livros do filme foram queimados, os bombeiros locais têm por função queimar todo tipo de material impresso, que é considerado como propagador da infelicidade. Até que um dos bombeiros começa a questionar os motivos que fazem com que ele e seus colegas queimem livros e revistas.

PALAVRAS-CHAVE: livro, fogo, libertação, leitura.

ABSTRACT: Fahrenheit 451, book and film, counts the history of a "fireman", whose function does not stop erasing the fire, but to burn books of clandestine libraries, in a society in the future, where the government forbade to all and any reading, to the way nazistas them. All the books of the film had been burnt, the local firemen have for function to burn all type of material printed matter that is considered as spreader of the misfortune. Until one of the firemen starts to question the reasons that make by that it and its colleagues burn books and magazines.

KEYWORDS: book, fire, release, reading.

Livro e filme revelam-se em clássicos da ficção científica, especialmente das suas facções mais celebradas. O filme é fiel ao livro, ainda que numa adaptação cinematográfica a fidelidade nunca possa ser total e, portanto, haja algumas diferenças. Logo no começo de *Fahrenheit 451*, os créditos de abertura estão lá, mas não os vemos. Um narrador nos informa a ficha completa da equipe, atores, técnicos, diretor, sob imagens coloridas de diversas antenas de tevê espalhadas pelos telhados da cidade. Neste contexto nos coloca a experiência de um filme, àquela mesma vivida no universo interior da narrativa, e se os personagens deste mundo futurista não podem ter acesso a qualquer tipo de material escrito, também o filme não o terá.

¹ Graduada em Letras Português pela FAFI; Pós-Graduada em Produção e Recepção de Textos, pela UNICS; Aluna Especial de Mestrado em Letras, na Área de Concentração em Linguagem e Sociedade, na Disciplina de Discurso Literários; docente: Acir Dias da Silva, pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Livro: Fahrenheit 451 de Ray Bradbury e filme “Fahrenheit 451” François Truffaut .E-mail: lizete@sudonet.com.br



Fahrenheit 451 "é a temperatura à qual o papel de livros arde e se consome...". Com essa frase, o autor inicia a história do bombeiro Montag, encarregado, de queimar livros, a mando do Estado. A estória se passa em um futuro não muito distante, onde uma sociedade totalitária é controlada pela "Família", Este futuro não muito distante é aqui em nossa contemporaneidade; a sociedade totalitária é esta sociedade de consumo, da ideologia do capital, que impõe o pensamento único, o individualismo, a "ordem".

As pessoas que vivem nessa sociedade são educadas a desempenharem certas funções sociais, sem se questionar muito sobre o que estão de fato realizando. O sucesso deste estado de obediência e paz social deve-se, especialmente, ao cuidado com a educação. Nas escolas, as crianças aprendem a não-ler e que livros são para se queimar. Somos apresentados ao dócil Montag, um bombeiro que, ao contrário do que o nome de sua profissão possa sugerir, não tem a tarefa de apagar incêndios, uma vez que as casas são todas as provas de fogo, ou ao menos é isso que a "família" diz. Os fireman são responsáveis por atear fogo nos livros, e perseguir, prender e executar as pessoas encontradas junto aos livros. Algo como a Gestapo ou a PM.

Montag, ainda sem muitas razões, mas claramente apontando para uma grande revolução pessoal, a primeira frase diz "Queimar livros era um prazer", com o verbo no passado. O protagonista nos é apresentado como um legítimo soldado do regime, obediente aos mandos de seu capitão, referindo-se a si mesmo na terceira pessoa, cumprindo o dever de queimar livros com o prazer atualizado pelo tempo presente. Contra a narrativa vertical, o arco: uma transformação percebida pelo filme, de homem cego pela lei equivocada a defensor da causa literária, *Fahrenheit 451*, dantesco, vai do inferno ao paraíso, quer o elogio da iluminação.

Tudo vai bem com Montag, ele queima livros, faz seu trabalho, e se sente feliz e normal. Está prestes a ser promovido a capitão. A mulher, Mildred, passa horas mergulhadas nas circunvoluções da sua "família" virtual, na televisão mural, sempre envolvida em seus programas de TV (aliás, é magnífica a cena do programa de TV interativo. Penso que farão da TV digital algo semelhante), e por vezes engole doses excessivas de comprimidos que seria fatal não fora a pronta intervenção dos serviços de saúde, mas também ela pensa que é feliz.



No início, Montag pensa que é feliz. Tem um bom emprego, uma família, uma casa cheia dos confortos do seu tempo. É a paz soberana, a suma felicidade. Mas eis que esta felicidade de plástico se quebra quando Montag começa a pensar, se transforma num indivíduo, começa a se inquietar quando é questionado por uma jovem da resistência se ele alguma vez havia lido um dos milhões de livros que queimou. Ganha o sentido da curiosidade intelectual e pergunta a si próprio que haverá naquelas coisas que queima que leva determinados indivíduos a arriscar a vida para tê-las em casa, ou mesmo a renunciar a essa vida quando as suas bibliotecas são descobertas.

Um dia, Montag cede à curiosidade, aprende a ler, começa a roubar livros e começa a ler e acontece à metamorfose, transforma-se a pouco e pouco num intelectual, o que é o mesmo que dizer num marginal. Tenta fazer com que a mulher comece também ela, a pensar.

Tenta fazer com que os amigos comecem a pensar. Acaba denunciado, perseguido como inimigo da sociedade, como traidor, sozinho num mundo que lhe é inteiramente hostil, e não tem outra solução que não seja afastar-se dele, entrar às cegas floresta adentro fugir, desesperado. Mas é aí que acaba por encontrar a esperança. E compreende porque a Família sempre havia alertado sobre a periculosidade dos livros: eles propiciam o pensar por si mesmo. E quando você começa questionar as coisas, deixa de ser feliz. Por quê? A sociedade revela-se para Montag como algo horrível.

Ele se dá conta de que é dominado, e que não é um membro da Família, como esta pretendia. Entende que ser um parente desta coisa é algo abominável, e que a felicidade e a paz não são tão felizes e pacíficas como se imaginava. Decide então colaborar com a resistência, e prepara uma estratégia para tentar derrubar a Família e livrar o povo de suas viseiras. No entanto, não vemos no filme o desfecho deste contragolpe.

Contra o chefe, os vizinhos e, sobretudo, contra o próprio medo, começa a duvidar da retidão moral do que fazia. O chefe diz: "Não é sábio aquele que troca uma certeza por uma incerteza. Fique com os bombeiros, Montag. O resto é apenas um horrível caos". A vizinha diz, sobre o novo modo de pensar de Montag: "Palavras bobas, palavras bobas, palavras horríveis, bobas e que machucam. (...) Por que as pessoas querem ferir as outras? Como se não bastasse o sofrimento que existe no mundo



(...)!". O impressor desempregado diz: "O próprio público parou de ler por livre vontade. (...) Poucos desejam hoje em dia ser rebeldes. E, desses poucos, a maioria, como eu, amedronta-se com facilidade. (...) E foi então que o governo, percebendo como era vantajoso as pessoas só lerem a respeito de lábios apaixonados e murros no estômago, fechou a situação com suas serpentes de chama". Montag não se intimida com as ameaças. Continua lendo e passa a ser caçado pelos antigos colegas de profissão. Consegue escapar da perseguição e se junta ao grupo dos rebeldes, homens e mulheres que decoravam livros ou partes de livros para evitar que fossem esquecidos. Acompanhamos o tormento de um agente da repressão que se vê envolvido com o próprio objeto que deveria combater, e mais a captura desta certa atmosfera atormentada que o trajeto do personagem criaria em torno de si.

Parece-nos uma piada de ver o Capitão Beatty dizer, com consternação, que todos os livros precisam mesmo ser queimados, até mesmo aqueles que os servem tão bem, como o "*Minha Luta*" de Adolf Hitler que segura com uma das mãos nesse momento, porque é importante não deixar em suspenso que todos aqueles bombeiros empertigados são nazistas de primeira classe. Tudo acaba sendo, no fim das contas, uma questão de repertório. Chegando ao trecho final, no paraíso dos homens-livro, que abrigam todo o conhecimento do mundo na memória dos textos que decoraram, vemos que *Fahrenheit 451* debateu-se, sempre, com sua própria capacidade de não só saber de cor e salteado certos textos (cinematográficos), mas também de conseguir repeti-los à imagem e semelhança da obra original quando o momento de reabertura chegasse.

Percebemos um clima repressor integralmente absorvido pelo tecido do filme, e a operação conseqüente àqueles créditos iniciais falados será a filiação de *Fahrenheit* a um gênero clássico, ao suspense. Com uma trilha sonora ostensiva, o modo de encenar seqüências banais como se por trás de cada uma houvesse a chave para o mistério da trama, até mesmo algumas citações literais, tudo está lá para anunciar esta grande influência, e também deixar evidente o quão difícil ela torna a vida do influenciado.

O filme estará envolvido por uma série de primarismos; o peso do gênero, afeito a regras e esquemas restritos, será eventualmente grande demais para que qualquer tentativa de respiração própria possa ter algum efeito. Há um paradoxo fundamental no livro que passa ao largo do filme. Contando uma história onde a literatura é perseguida



e destruída por sua possibilidade de informação e elevação intelectual, a própria existência do livro no qual esta história aparece já é, por si, uma espécie de resistência, uma afronta a esse regime imaginário e tão assustadoramente possível, uma defesa tácita e eficientíssima daquilo que a trajetória de Montag pretende significar. Em *Fahrenheit 451*, o filme, é lembrado o tempo inteiro da grande importância que os livros têm na história da humanidade, num exercício de tautologia pedagógica que beira a histeria ou como poderíamos entender a cena em que, revoltado com a letargia da esposa e de suas amigas diante da televisão, Montag põe-se a ler um trecho de um romance para que, milagrosamente, uma daquelas mulheres finalmente se emocione e chore, depois dos anos de anestesia de sua sensibilidade pela falta da poesia?.

O percurso seguido por Montag, de bombeiro igual aos demais a paria, vivendo fora da sociedade, na floresta, rodeado por livros humanos, é idêntico. Detalhe da resistência (tão poético!): já que não se podem guardar os livros, seus guerrilheiros devem decorar na íntegra seus livros prediletos. Assim, acabam por se tornar os próprios livros. Vivem em uma comunidade-biblioteca. É sensacional.

O paralelo, infelizmente, por muitas vezes cruza com o real. Portanto, penso que devemos reconhecer que, de 68 pra cá, sem dúvida, a resistência tem sofrido derrotas amargas e sucessivas. Um dos equívocos mais sérios, e que ironizam sem piedade os tais “radicais de esquerda” da atualidade, está no lema herdado daquela época: sejamos realistas, exijamos o impossível. Justamente. Se os tais radicais de esquerda da atualidade exigissem o possível, estaria arriscando sua própria posição privilegiada dentro da sociedade, que é a de poder se dar ao luxo de ser radical de esquerda.

Bastando ligar o botão do telecomando e olhar cinco minutos para aquilo que a televisão nos apresenta todos os dias, para o lixo televisivo que invade milhões de lares diariamente, neste país e nos demais, para aquela imensa promoção da ignorância e da estupidez, disfarçada do pragmatismo capitalista que busca apenas o lucro. Depois de ler, hoje em dia, este velho livro de Bradbury, é impossível não vermos à nossa volta os milhões de Mildreds que enchem as nossas ruas, demasiado fracas para enfrentar a complexidade do mundo que as rodeia, refugiando-se em telenovelas, concursos, *big-brothers* e demais programas de vida falsificada em direto, futebolis e telejornais de um jornalismo que, no lugar de informar, as mais das vezes desinforma.

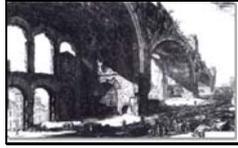


E os livros não são queimados, mas são deixados a ganhar pó nas prateleiras das livrarias, com exceções que muitas vezes são também elas, veículos promotores de ignorância e incultura, fazendo dos livros mais um dos instrumentos ao serviço dos bombeiros, do mundo real, instrumentos bem mais subtis que os usados no mundo inventado, não previu o futuro nos seus mínimos detalhes, mas apesar disso *Fahrenheit 451* é um terrível espelho dos tempos que vivemos. Um livro intemporal. Um livro que fica.

Diagnosticar o futuro com males que estão na pauta do presente é uma constante na maior parte dos filmes que se arriscam na previsão. Na contramão do hábito cultural dominante, destaca-se a obsessão em sobreviver e evitar todo sofrimento a qualquer custo redundou em alienação do mundo e de si mesmo. Não temos, é claro, por que sofrer desnecessariamente ou abrir mão de ser felizes. Mas, quando a felicidade se torna mero interesse pela sobrevivência e pela busca incessante de prazer, o resultado é a perene insatisfação consigo a indiferença para com o outro e o esvaziamento do próprio sentido da vida. Esse mundo, narcisicamente dobrado em si mesmo, é o mundo livros queimados. Nele, a memória do que fomos e a história do que quisemos perdem a importância, sem que nada ou ninguém venha a herdar algo da "lâmpada de nossos pés" ou da "luz de nossos caminhos".

Ler a vida social só é possível quando a olhamos sem enclausurá-la ou limitá-la ao que pensamos, a leitura é uma descoberta de novos jardins nos textos alheios, uma desterritorialização do que foi escrito para que haja outras invenções. Os discursos não só refletem realidades, também as produzem.

A realidade exige mais de nós do que o que podemos dar com nossas noções e conceitos, apenas podem apresentar na escrita os embates do vivido. Pensar identidades e diferenças é considerá-las como uma maneira de ler e de ver as relações sociais, sempre como relativas, brotando como respostas a contextos e situações específicos, florescendo sobre mitologias e místicas. Raça, gênero, diferenças religiosas, de posições sociais atuam como metáforas da cultura, ao que ela, pelas próprias mãos humanas, define como índice de lei. A necessidade de um outro para garantir a construção de um eu, individual ou coletivo, definido e coerente, demonstra-nos que precisamos estar atentos em como as identidades se configuram na marcação de diferenças, em locais



históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, que por estratégias e iniciativas específicas, por surgirem de maneiras múltiplas só podem ser entendidas no plural. A maneira como lemos pode levar-nos a perceber que o que escrevemos traduz menos significados precisos. O mundo simbólico se amplia diariamente, contudo, a maior parte dos fenômenos seja de natureza política, econômica, social ou cultural, fazem parte de um registro contínuo do homem..

REFERÊNCIAS

TRUFFAUT François. **Fahrenheit 451** – o filme. Inglaterra 1966

BRADBURY Ray. **Fahrenheit 451**: a temperatura na qual o papel do livro pega fogo e queima; trad. Cid Knipel São Paulo Globo, 2007.